

## PRELIMINARES DO SENTIDO.

Merleau-Ponty (filósofo da fenomenologia):

→ o homem está « **condenado ao sentido** ».

Não exatamente num sentido digamos passivo, de submissão, massacrado pelas significações que o mundo nos joga na cara, pelas forças históricas, antropológicas, sociológicas, ideológicas ou psicológicas da cultura. Ex: basta que no Jornal Nacional se diga que uma pesquisa (claro, nos EEUU) viu por exemplo no « pimentão » um componente que fortalece os músculos e a virilidade, ou então a sensualidade, e sai todo mundo comprando o dito cujo pimentão. Pois pimentão passa a *significar* doravante virilidade ou sensualidade.

Estamos sim condenados aos sentidos que as forças culturais nos impingem. Mas há o lado bom dessa condenação. Estamos condenados ao sentido, num sentido ativo. Quer dizer: estamos condenados a « **construir** » significação, sentido, para cada evento do mundo, cada pedaço da realidade *objetiva*, externa, a construir algum sentido para cada pequeno evento da realidade *subjetiva* de cada um. Nada se passa sob nossos olhos, sob o nosso pensamento, cognição, sob nosso coração, que não receba uma *impregnação de sentido*, uma *significância* para o sujeito. O mundo, dizia Greimas (idealizador da Teoria Semiótica aqui em foco), não é uma tela cinza e objetiva onde as coisas se dariam independentes dessa pressão ao sentido. Ele só pode deixar-se ver como uma « **macrossemiótica** » (uma imensa linguagem a nos falar continuamente), só apreensível pelas camadas de sentido que lhe impomos diária e continuamente.

→ Os animais têm um imperativo menos complexo, mais reto:

**comer → dormir → procriar**

(sendo que os dois primeiros servem ao terceiro = imperativo genético, o imperativo dos “**genes egoístas**” de R. Dawkins). O itinerário de vida dos animais, desde o mais antigo ou ínfimo protozoário ao mais sublime e estético beija-flor (para escolher aleatoriamente nesse bichinho doce e simpático o ideal estético da beleza animal) o ritual é sempre esse: comer, comer → dormir, dormir, → reproduzir, reproduzir.

→ No homem há uma brusca mudança. Atravessa esse imperativo, um outro, talvez mais coercitivo, mais decisivo. Diante de tudo o que lhe ocorre, mesmo diante do imperativo dos genes (gene egoísta: comer → dormir → procriar), diante de cada ocorrência, evento no mundo, no mundo de cada um de nós, esse imperativo fica substituído por um outro: « **o que tudo isso significa?** » « o que significa cada pedaço do mundo? » « Por que há o sentido ao invés de um “não sentido” do mundo? » O que significa cada minúscula parte do que ocorre na vida, no mundo, com as pessoas, conosco? Enfim, o que significa o mundo, e estarmos no mundo? Nossa percepção do mundo, nossa captação do mundo vem por uma *imposição de sentido* ao mundo. Impomos uma *significância* a todo e qualquer fato, evento, ocorrência no mundo objetivo e no mundo subjetivo.

→ E o que a **Teoria Semiótica** tem a ver com tudo isso?

Simplesmente ela quer saber de que modo fazemos essa « **construção de sentido** » para os eventos. De que maneira, com quais sofisticções languageiras construímos o sentido do mundo?

Não para servir de guia espiritual, moral filosófica, pastor das almas, líder ideológico ou promotor de valores pragmáticos, de consumo imediato, ou então valores estéticos, éticos, sejam quais valores forem. Mas, primeiro e simplesmente, para apresentar, nos seus « pontos de vista », como se dá essa *injeção de sentido* ao mundo, essa *injunção de sentido* ao mundo que o faz tornar-se nada além do que um **mundo significante**.

E onde se verifica o melhor « **cenário** » para a indagação e exploração de como o sentido *se constrói* nas produções significantes humanas (ao ver da **teoria semiótica**)?

Aqui se abrem duas grandes vertentes de pesquisa sobre a emergência e natureza do sentido para o mundo

1) Será a **mente cerebral** humana que constrói o sentido (a mente, a consciência, as emoções, as paixões...)?

Será tentar invadir a mente das pessoas? invadir a região cerebral onde se dá uma ciranda de danças de trilhões de neurônios em junções sinápticas? Será uma configuração neuronal, diferente de outras tantas que dará origem a um sentimento, a uma avaliação, a uma decepção, a um entusiasmo? Seremos simplesmente « homens neuronais » como o querem alguns neurobiólogos, não carecendo, portanto, mais de nos pensarmos como seres « espirituais »? E nessa via se desenha um universo de pesquisas cognitivistas, conexionistas, morfodinâmicas, neurofisiológicas e mesmo neurofilosóficas ou neuropsicanalíticas. Ora, mesmo que haja pesquisadores semioticistas trabalhando em parceria com esse campo, a meu ver, não é o terreno mais profícuo para o exame da construção do sentido, ou pelo menos não é o mais fascinante.

2) Será a construção do sentido algo que se apresenta « **objetivada** » nos **discursos humanos** já produzidos?

A semiótica elege como cenário, como *locus* de sua indagação não o interior da mente neuronal, mas o interior (imaneente às linguagens) dos *discursos já produzidos e em produção contínua*, entendido o mais amplamente possível: do texto verbal, literário ou não, a quaisquer produções significantes do homem ; uma simples fala de conversação banal, um texto de jornal, o texto de reflexão de um filósofo, uma narrativa infantil, uma receita de cozinha ou de remédio, um texto de experimentação científica, uma história em quadrinhos, um filme, uma novela, o arranjo de uma vitrine de loja, e também nos games atuais (mesmo se os textos literários sejam os privilegiados, dada a sua fina exploração acionada nos confins da criação da língua posta a serviço dos seus usuários, basta ver G. Rosa, M. Barros etc.). Os discursos produzidos na história do homem, os discursos que se produzem atualmente – da simples fala do homem comum à sofisticção do poeta ou do filósofo – são o cenário privilegiado para extrair e examinar a inteligência fina da razão e emoção humanas, justamente porque tais discursos *as constroem* de fio a pavio.

O discurso, então, se apresenta como o grande construtor do sentido do mundo e do homem. Vamos então a ele para conhecê-lo mais profundamente.